

Este vai ser um ano difícil para a Funai

ESP 19-3-72

ELIANA LUCENA
Da Sucursal de Brasília

A Funai deverá enfrentar, neste ano, os primeiros problemas graves decorrentes do contato de índios com brancos na Transamazônica. Além disso, continua crescendo o clima de hostilidade dos índios Xavantes aos invasores de suas terras em Mato Grosso, enquanto no parque indígena do Aripuana, em Rondonia, a situação continua tensa, esperando-se a qualquer momento alguma reação dos índios Cintas-Largas, que estão inconformados com a presença de colonos e garimpeiros em suas terras. Todos esses fatos levam a crer que 1972 será mais um ano de preocupações para a Fundação Nacional do Índio.

Notícias de Xavantina, em Mato Grosso, dão conta de que os índios Xavantes, que habitam as margens dos rios Areões e das Mortes, voltaram a atacar fazendeiros invasores de suas terras, causando pânico na região. Estes índios, no ano passado, invadiram várias propriedades, roubando gado e queimando casas, além de realizarem várias investidas na BR-158, onde chegaram até a cobrar pedágio dos motoristas que transitavam por ali. Os Xavantes são índios já integrados e foram pacificados pelo sertanista Francisco Meirelles, em 1945. Sempre foram índios desconfiados das intenções do homem

branco e o contato só foi possível após anos seguidos de trabalho. Logo após a pacificação, o governo de Mato Grosso garantiu a terra aos índios, mas com a mudança do governo foi iniciada a venda das terras indígenas, o que vem causando problemas até hoje. Atualmente a terra dos Xavantes está totalmente invadida por fazendeiros e posseiros e a Funai está tentando iniciar o trabalho de demarcação das terras.

O pedido para a reserva xavante já foi feito há mais de dois anos, obedecendo o seguinte traçado: partindo da confluência do rio Areões com o rio das Mortes, desce o rio das Mortes no rumo do Nordeste, até a confluência com o rio Pindaíba; dali uma linha seca rumo ao Oeste de 50 km e outra rumo ao Sudoeste até o rio Areões; depois uma linha no rumo Sudeste até encontrar a barreira da Pirarara à margem esquerda do rio das Mortes, dali desce até a confluência com o rio Areões. Este pedido do Ministério do Interior está engavetado e não se sabe porque não foi levado adiante. O certo, porém, é que em decorrência dos últimos acontecimentos, a Funai deverá em 1972 tomar uma decisão sobre a criação da reserva. A impaciência dos Xavantes, nos últimos meses, é explicada pelo sucesso que conseguiram seus parentes, os índios Xerentes, na sua pressão junto à Funai para a criação de sua reserva.

OS NOVOS CONTATOS

O surto de desenvolvimento da Amazonia, no último ano, agravou profundamente os problemas até então enfrentados pela Funai. Com a abertura de rodovias como a Transamazônica e a Cuiabá-Santarém, dezenas de sertanistas foram deslocados para frentes de

atração e pacificação, e estão trabalhando em tempo recorde para chegar aos índios antes das estradas. A Funai enfrenta um problema sério na Amazonia atualmente: ao mesmo tempo em que procura proteger o índio do contato com o branco, é obrigada a não deixar que ele se torne um "entrave ao desenvolvimento nacional", como afirma o presidente da Funai, general Bandeira de Mello. Dentro dessa política, os sertanistas foram deslocados para diversos pontos, antecipando-se à chegada dos topógrafos. Os trabalhos de pacificação, que até agora demoravam anos, como foi o caso dos Xavantes, Kaiapós e Cintas-largas, devido ao programa do governo, estabelecido para a integração da Amazonia, passaram a ser realizados dentro de um cronograma de poucos meses. Índios semi-integrados, como os Parakanen que habitam a rota da Transamazônica, tiveram um contato brusco com a civilização e agora, segundo informações das próprias construtoras que atuam na área, já se registram casos de índios atacados de blenorragia, o que levou à cegueira alguns deles.

Na verdade, a Funai enfrenta hoje situação muito difícil. Enquanto o processo desenvolvimentista do País não pode ser

detido, dezenas de tribos estão ameaçadas, inclusive de extinção, pelos métodos quase "agressivos" que estão sendo usados para a sua atração. Esta problemática é apresentada constantemente à presidência da Funai pelos diversos sertanistas e antropólogos, que sentem de perto o impasse em que vivem os quase 200 mil índios brasileiros. As pessoas ligadas ao indigenismo no Brasil, têm que lutar constantemente não só contra os entraves burocráticos que encontram para a realização do seu trabalho, mas principalmente contra a corrente que considera irrelevante o problema do índio, diante das dificuldades enfrentadas pela população urbana marginalizada. Argumentam os adeptos dessa corrente que a população indígena brasileira daria, para encher um estádio de futebol, o que não é nada representativo, se for considerado que o Brasil atingirá brevemente uma população de cem milhões de pessoas.

CINTAS-LARGAS

Um dos problemas mais discutidos em Brasília, durante a semana, foi o afastamento dos sertanistas Francisco Meirelles e Apoena, respectivamente da chefia da 8.a DR de Porto Velho e da direção do parque indígena do

Aripuana. A importância disso deve-se ao fato de que ambos estiveram até agora à frente do maior trabalho de pacificação da Funai, a dos índios Cintas-Largas, que constituem uma população estimada em 3 mil índios.

Com o afastamento dos dois sertanistas, não se sabe ainda que rumo tomarão os trabalhos de atração ou quais sertanistas seriam deslocados para a área. A explicação para o afastamento de Francisco Meirelles da chefia da 8.a Delegacia Regional de Porto Velho é a de que ele irá assumir um posto de maior importância, coordenando as frentes de atração da Transamazônica. Pessoas ligadas a Meirelles afirmam que ele é essencialmente um "homem de mata" e por isso não estava sendo bem no trabalho administrativo da 8.a DR. Chico Meirelles, agora com 65 anos de idade, sempre viveu trabalhando nas frentes de atração dos índios Xavantes, Kaiapós, Pakaanovas, Nambiquaras e, agora Cintas-Largas. Com toda a sua vida dedicada ao índio, o sertanista já se ressentia das várias malarias que sofreu, mas apesar disso afirmam seus companheiros que é mito difícil acompanhá-lo numa caminhada no mato. "L — afirmam — parece que ele ganha forças"

da Funai, amigos particulares de Apoena.

O repentino afastamento de Apoena para a frente de pacificação dos arara-tora, que habitam o trecho Itaituba — Humaitá, e o silêncio da Funai quanto aos entendimentos mantidos com o sertanista, para contornar a situação no Aripuana, só podem ser interpretados como uma impossibilidade da Funai de solucionar os problemas apresentados.

ANO DECISIVO

Apesar de todos os problemas enfrentados pela Funai, este deverá ser também um ano de grandes acontecimentos, como a realização do Congresso Interamericano de Indigenismo, em Brasília, e a reunião da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, também na capital, que tem como objetivo básico procurar um melhor entendimento entre a CNBB e a Funai. Desse encontro, poderão surgir idéias que irão alterar a política indigenista brasileira, que atravessa época crítica, principalmente no tocante às acusações constantes da imprensa internacional, nem sempre informada adequadamente a respeito da problemática do índio brasileiro.

A Funai afirma que a transferência de Meirelles, antes de significar qualquer desentendimento com a Funai, representa para o velho sertanista uma promoção justa pelo trabalho até agora realizado. Já em relação ao afastamento de seu filho da direção do parque, a Funai apenas explicou que isso já estava previsto há mais de um ano. O que não se entende, no entanto, é a adoção dessa medida numa época crítica para o parque do Aripuana, onde os índios inseguros com a ausência dos chefes tentaram por duas vezes chegar até Porto Velho à procura dos Meirelles.

Sabe-se que Apoena esteve em Brasília para apresentar reivindicações que considera essenciais para o restabelecimento da paz no parque do Aripuana. Em seus relatórios, afirmava Apoena que preferiria deixar a direção da pacificação dos cintas-largas, a permitir que novos massacres ocorressem com os seus homens. Entre as medidas apontadas pelo sertanista, destacam-se a necessidade de se transferir as 100 famílias de colonos, que estão invadindo terras indígenas e de se formar uma expedição que vá ao encontro dos índios que atacaram o subposto do rio Roosevelt, matando dois servidores